Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação

BIBLIOTECÁRIOS DE CIÊNCIAS DA SAÚDE: TRILHAS DE APRENDIZAGEM E PRÁTICAS INFORMACIONAIS SITUADAS[1]

HEALTH SCIENCE LIBRARIANS: LEARNING PATHS AND SITUATED INFORMATIONAL PRACTICES

Dayanne da Silva Prudêncio[2]

Resumo: Discute a ideia de trilhas de aprendizagem como elemento norteador do processo de aprendizagem dos bibliotecários de Ciências da Saúde no Brasil. A fundamentação teórica foi construída por meio de uma *quasi-systematic review*. Trata-se de pesquisa bibliográfica e de campo quanto aos instrumentos de pesquisa, exploratória descritiva quanto aos objetivos finais, a análise dos dados e apresentação dos resultados é desenvolvida com abordagem qualitativa. O instrumento de coleta de dados foi um questionário com questões abertas e fechadas aplicado a uma amostra de bibliotecários atuantes no campo. O estudo conclui que existem vínculos entre a aprendizagem, o contexto de trabalho, as práticas de informação e a produção de conhecimento que os bibliotecários desenvolvem no campo da saúde. Aponta-se para a necessidade de maior produção e socialização das práticas desenvolvidas e das experiências vivenciadas, objetivando desvendar evidências científicas sobre a atuação e contribuição dos bibliotecários no referido campo.

Palavras-Chave: Bibliotecário de saúde. Formação do bibliotecário. Trilhas de Aprendizagem. Prática Informacional. Informação e saúde.

Abstract: *Discusses the idea of learning paths as a guiding element in the learning process of health sciences librarians in Brazil. The theoretical foundation was built through a quasi-systematic review. It is a bibliographical and field research, regarding the research instruments; descriptive exploratory, regarding the final objectives; regarding the data analysis and presentation of the results, with a qualitative approach. The data collection instrument was a questionnaire with open- and close-ended questions applied to a sample of librarians working in the field. The study concludes that there are links between learning, the work context, information practices and the production of knowledge that librarians develop in the field of health sciences. It points to the need for greater production and socialization of development practices and lived experience, aiming to unveil scientific evidence on the performance and contribution of librarians in the field.*

Keywords: *Health librarian. Librarian training. Learning paths. Informational practice. Health information.*

[1] Texto ampliado a partir do artigo submetido, avaliado, aprovado, apresentado e premiado no XXII Enancib.

[2] Doutora em Ciência da Informação (IBICT/UFRJ). Professora do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail dayanne.prudencio@unirio.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8346-2160.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho em tela apresenta um recorte das descobertas de uma pesquisa de doutoramento orientada a discutir como os processos de aprendizagem influenciam no desenvolvimento das práticas informacionais dos bibliotecários atuantes no campo da Saúde no Brasil.

Beraquet e Ciol (2010) notam uma atuação profissional dos bibliotecários quase sempre circunscrita ao ambiente acadêmico, com atividades baseadas na prática, sem atitude científica, bem diferente do observado e comparado aos contextos americano e canadense.

De acordo com Henderson (2014), novas ideias em torno de temas como cuidados com saúde, aplicações tecnológicas e educação interativa sugerem ao bibliotecário de saúde o reajuste de seus escopos e a compreensão da utilidade de suas práticas. Deve ser superada a ideia de que bibliotecários são meros mediadores e/ou provedores de informações e assumir a perspectiva de coprodutores de uma comunidade de saúde.

Bibliotecas e bibliotecários de saúde precisam conectar-se de maneira próxima aos objetivos e atividades institucionais de pesquisa, fornecer atendimento ao paciente e igualmente produzir materiais educativos em saúde. Martinez-Silveira (2005) lembra que não serão as bibliotecas tradicionais, com seus acervos, que irão suprir com excelência as necessidades de informação dos médicos, e sim os “bibliotecários especializados” inseridos no cenário da saúde.

Se, por um lado, novas perspectivas se descortinam, por outro questiona-se como os bibliotecários brasileiros irão engajar-se em práticas informacionais em saúde de modo especializado e robusto se não há escolas que as ensinem? Abalizado por essa exposição, nossa questão de pesquisa é: Como os processos de aprendizagem afetam o desenvolvimento da prática informacional dos bibliotecários de Ciências da Saúde no

contexto brasileiro?

A partir dessa pergunta, definiu-se um objetivo geral: explorar o processo de aprendizagem, formal e informal, que os bibliotecários atuantes no campo desenvolveram, entendendo como este impacta sua prática de informação no campo.

Esta comunicação definiu os seguintes objetivos específicos: Identificar e analisar os elementos que influenciam a prática de aprendizagem situada dos bibliotecários na área da saúde; verificar a percepção de bibliotecários sobre sua aprendizagem, produção de conhecimentos, habilidades e práticas de trabalho; analisar o atual quadro de rotas de aprendizagem desses especialistas, sua integração nas práticas de informação e sua influência no desempenho profissional.

2 METODOLOGIA

Os fundamentos teóricos foram construídos através de uma *quasi-systematic review* (Travassos *et al*., 2008), um método derivado da metodologia de revisão sistemática de literatura que tem o mesmo rigor nas fases metodológicas e desenvolvimento do protocolo pesquisa, mas não introduz verificação cruzada usando mais de um revisor para comparação dos resultados e maior consistência de julgamento. Nosso protocolo de pesquisa foi desenvolvido a partir da estratégia PICO, conforme mostrado no Quadro 1:

Quadro 1: Descrição da Estratégia PICO

ACRÔNIMO	DEFINIÇÃO	DESCRIÇÃO
P	Paciente ou População	Bibliotecários de Ciências da Saúde/ Bibliotecários atuantes na área da Saúde
I	Intervenção	Aprendizagem e formação dos bibliotecários de Ciências da Saúde
C	Controle ou	Práticas realizadas por bibliotecários estrangeiros que receberam formação

	Comparação	específica;
O	Desfecho ou *"Outcome"*	Práticas informacionais e desempenho em atividades profissionais.

Fonte: elaborado pela autora.

Os critérios de inclusão foram estudos em português, inglês e espanhol, publicados em periódicos indexados nas fontes de informação BRAPCI, LISA, PubMED, LILACS, Scielo, ERIC e Web of Science. Estudos que não atenderam a essas suposições e/ou que não tratam especificamente das atividades do escopo pesquisa (formação, aprendizado e prática de bibliotecários de ciências da saúde) foram eliminados. O material utilizado na investigação foi de dois tipos: bibliográfico e dados de pesquisa de campo. Este último, obtido por observação e questionário, é diretamente relacionado aos resultados apresentados nesta comunicação.

Em aderência às diretrizes de conduta ética em processos de pesquisa, conforme estabelecido no Resoluções 466/2012 e 510/2016 MS, a pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética do Centro de Filosofia e Humanidades da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob o Processo nº 07866919.2.0000.5582 e Parecer nº 3.177.777.

2.1 Materiais, método e abordagem

A pesquisa incluiu três fases de coleta de dados em um período total de 5 meses em campo. O questionário foi modelado no *Google Forms* e suas questões incluíram aspectos relacionados ao processo de aprendizagem profissional e as relações entre esta e seu desempenho nas práticas realizadas e nos levaram a identificar algumas dimensões ou temas entre as falas e as questões norteadoras, por exemplo, apresentadas abaixo:

Quadro 2: Relação entre as perguntas do questionário e as dimensões da investigação

Questões norteadoras	Dimensão
Como é a atual formação?	Desenvolvimento e educação
Como fazer?	Trilhas de aprendizagem e desenvolvimento de competências
Que resultados? Quais práticas?	Percepção e influência da aprendizagem
Produção de conhecimento	Resultados da aprendizagem

Fonte: elaborado pela autora.

Aplicamos o questionário de teste composto por 28 perguntas a uma população de teste de 15 participantes. O retorno foi de 33,33%. Foi então determinado que 7 perguntas precisavam ser reformuladas ou modificadas, então continuamos. O questionário final foi composto por 27 questões, todas fechadas. Para alguns, foram aceitas respostas do tipo *Likert*. A população-alvo do questionário e, portanto, os sujeitos da pesquisa, foram os bibliotecários da área da saúde.

Inicialmente contatamos as seguintes comunidades de prática: Grupo de Bibliotecários em Ciências da Saúde; Grupo BACS - Avaliação de Bibliotecários em Ciências da Saúde; e Associação dos Profissionais de Informação e Documentação em Ciências da Saúde do Estado do Rio de Janeiro - APCIS/RJ. Administradores de redes selecionadas foram contatados por e-mail, telefone e mensagem privada solicitando autorização e cooperação. Em seguida, publicamos um link para a ferramenta e começamos a recrutar voluntários que responderam aos questionários. A amostra potencial nesses grupos era de 261 participantes. No entanto, houve apenas um retorno efetivo do grupo BACS com 48 exibições de mensagens. Com isso, assumimos que a real extensão do alcance deste parcerias com comunidades de prática selecionadas foi de 48 participantes.

Na segunda fase, desenvolvemos um catálogo de contatos de bibliotecas da área

da saúde. Por isso recorremos ao e-MEC (Sistema de Regulação do Ensino Superior) e filtramos as universidades que tinham cursos de Medicina e Biomedicina. Escolhemos esses cursos porque acreditamos que a presença dos mesmos poderia indicar a existência de outros cursos de saúde na instituição. Além disso, poderíamos cooptar bibliotecários que trabalham em hospitais universitários. Então entramos nos portais das instituições e páginas inventariadas dedicadas a bibliotecas na área da saúde.

Encontramos 391 unidades, mas apenas 204 tinham endereço de e-mail disponível. Posteriormente, procedeu-se individualmente ao envio de questionários a 204 contatos. Destes, 46 e-mails foram devolvidos por problemas técnicos.

3 ROTAS DE APRENDIZAGEM DOS BIBLIOTECÁRIOS DE CIÊNCIAS DA SAÚDE BRASILEIROS

Como desenvolver os processos de aprendizagem e aperfeiçoar as práticas dos bibliotecários de Ciências da Saúde? Não seria surpresa se grande parte dos leitores respondesse: criando cursos especializados em temáticas do campo da saúde e/ou incluindo disciplinas sobre Informação em Saúde nos currículos de curso de graduação praticados nas escolas de Biblioteconomia brasileiras.

Essa ideia encontra respaldo nos fundamentos do nosso sistema educativo, fortemente ancorado em atos de conhecimento e disposição em disciplinas, onde os processos de ensino e ações de treinamento são realizados majoritariamente em cursos presenciais e em instituições formais de ensino (Dewey, 1959; Moraes, 1996).

No entanto, existem abordagens alternativas, como a ideia de trilhas de aprendizagem. Esta revela-se em associação com o contexto de trabalho e as práticas de uma comunidade.

Segundo Freitas (2002), o aspecto central das trilhas é a concepção de que cada

indivíduo pode construir seu caminho de conhecimentos, desenvolvimento de habilidades e competências a partir de suas vivências anteriores, suas expectativas profissionais, estímulos do ambiente e contexto organizacional em que esteja inserido. A autora acrescenta que a plasticidade da ideia de trilhas permite o desenvolvimento de uma aprendizagem orientada. Isto é, reconhecendo os diferentes contextos de trabalho e alinhando-se aos objetivos e estratégias da organização. Sendo assim, facilita o alcance destes objetivos e ao mesmo tempo não ignora os anseios individuais. Em outras palavras, a trilha de aprendizagem pode ser compreendida como o curso da ação que um indivíduo desenvolve para aprender.

Portanto, diferentes recursos e estratégias podem ser adotados ou adaptados para construção da trilha. Pozo (2002) toma as ações de aprendizagem como partes integradas e integrantes de um contexto. Contudo, ressalta que alguns destes artifícios detêm capacidade de transferência ou adaptabilidade a novos cenários com que se depara. Isso explica por que certos conhecimentos e práticas do bibliotecário podem ser adaptáveis a diferentes ambientes profissionais.

Assim, a aprendizagem é assumida como um processo dinâmico, arquitetável e social. Desse modo, torna-se possível observar diferentes possibilidades de abordagens teóricas para o processo de aprendizagem, tais como a teoria da aprendizagem situada (Lave; Wenger, 1991) e a teoria da aprendizagem por experiência (Kolb, 1984). Esta comunicação desdobra-se sobre os aportes da primeira.

Lave e Wenger (1991) apresentam a compreensão de que a aprendizagem pode ser constituída a partir das práticas situadas e pelas formas com as quais os trabalhadores aprendizes adquirem essas práticas e se relacionam com os mais experientes no ambiente de trabalho. Nesta linha, o aspecto central é a compreensão de que a aprendizagem ocorre quando os indivíduos participam de uma prática social. Dessa forma, os aprendizes aprendem com seus colegas, supervisores, usuários, em

suma, com todos que participam da comunidade de prática em que estão inseridos. Lave e Wenger (1991) descrevem que essa troca é possível porque os atores participantes negociam e renegociam significados e objetos.

A negociação ocorrida na comunidade impacta a própria ideia de aprendizagem do indivíduo, haja visto que é essencial reconhecer sua efetiva inserção e participação na comunidade para o desenvolvimento de práticas, inclusive a de aprendizagem. Em outras palavras, pertencimento não é condição para aprender; todavia, aprender a prática é uma condição para pertencer (Lave; Wenger, 1991).

As práticas decorrem de espaços e contextos e nestes são desenvolvidas atividades. Uma parte envolve os serviços que os bibliotecários oferecem aos seus utentes e na retaguarda existe um *script*, ou seja, um conjunto de ações – entre elas a do aprendizado – que permite que os bibliotecários desenvolvam suas atividades. Essas atividades têm seu repositório específico e, dessa forma, é somente no âmbito do contexto que é possível compreender as diversas facetas que estes fenômenos podem desenvolver. Por exemplo, os processos biblioteconômicos tradicionais de catalogar, classificar e indexar envolvem um conjunto de conhecimentos e competências que podem ser ensinadas em Escolas de Biblioteconomia que oferecem formação generalista e aplicadas em distintos ambientes informacionais, incluindo o da saúde. Entretanto, a indexação de prontuários médicos, que é uma prática especializada de indexação, demanda que novas aprendizagens sejam desenvolvidas. Outrossim, é possível sugerir que as práticas desses profissionais desenvolvem uma produção de conhecimento, situada e orientada ao contexto de sua produção e com efeito aprendem.

Portanto, a aprendizagem é assumida como uma prática social com intencionalidade, sendo desenvolvida a partir de relações entre as pessoas em um contexto social. Deve-se notar que tanto o contexto quanto a aprendizagem são

flexíveis e mutáveis, de forma que, nesta perspectiva, quando se modifica a participação e compreensão da prática, a aprendizagem também se altera (Lave, 2015).

Wenger (1998) resume a perspectiva social da aprendizagem nos seguintes princípios: a aprendizagem é inerente à natureza humana; consiste na primeira e principal habilidade para negociar novos significados; é fundamentalmente, experimental e social; transforma identidades e constrói trajetórias de participação; significa lidar com fronteiras; envolve poder, alinhamento e engajamento e direciona uma ação recíproca entre o local e o global.

Reforça-se assim a importância das comunidades de prática como ambientes de aprendizagem. Lave e Wenger (1991, p. 98) argumentam que "[...] uma comunidade de prática é uma condição intrínseca para a existência de conhecimento, porque fornece o apoio interpretativo necessário para dar sentido a sua herança".

Wenger (1998) explica as comunidades de prática como grupos, formais ou informais que se reúnem regularmente para compartilhar conhecimentos, experiências e práticas em uma determinada área de interesse ou de trabalho em comum. Elas servem para várias finalidades, entre as quais podemos citar: compartilhar conhecimentos e informações relevantes para a área de interesse; fomentar a inovação e a criatividade; desenvolver competências; estimular a colaboração e o networking; fortalecer a identidade profissional.

Portanto, é no contexto das comunidades de práticas que se convenciona a utilidade, o regime de necessidades, bem como se situa, discute e incorpora a perspectiva de conhecimento. De acordo com Gherardi (2009, p. 357, tradução nossa), "o conhecimento só é relevante para um contexto particular de seu uso. Além disso, sempre tem potencial para ser reavaliado". O reconhecimento da influência do ambiente social, sem ignorar o papel do coletivo de sujeitos, coaduna com a discussão empreendida por Araújo (2012), ao cotejar os postulados de Capurro sobre o

paradigma social da Ciência da Informação com os estudos de usuários da informação e prática informacional. Para o autor

> [...] o usuário não é totalmente determinado pelo contexto no qual se insere, nem é totalmente isolado ou alheio a ele; a determinação que o contexto exerce existe, é real, mas não é mecânica nem absoluta, é interpretada e alterada pelo sujeito (Araújo, 2012, p. 149).

É importante reconhecer que em uma comunidade, nem todos os membros têm o mesmo tipo participação. Tal compreensão é especialmente importante para aqueles que não vêm do campo e, portanto, não possuem o que Bourdieu (2004) chama ciência infusa, tal qual o é o caso dos bibliotecários de Ciências da Saúde. Desta forma, é preciso ter elementos que subsidiem sua força de resistência. Nas palavras de Bourdieu (2004, p. 23), "[...] os agentes criam o espaço, e o espaço só existe (de alguma maneira) pelos agentes e pelas relações objetivas entre os agentes que aí se encontram".

Essas relações se engendram com o reconhecimento do lugar de fala, da posição e do capital científico dos bibliotecários pelos profissionais de saúde, pela produção de conhecimento coletiva e pela reprodução da ordem social do campo. Junta-se a compreensão de diferentes construções sociais e representações que se constituem no campo e orquestram o desenvolvimento de um *habitus*, aqui compreendido como um conjunto de disposições adquiridas e duráveis que colaboram para que um agente resista ou se oponha às forças existentes no campo (Bourdieu, 2004). Essas disposições são incorporadas ao longo do tempo, porém afastam-se de uma mera reprodução, haja visto que são mais complexas e, além disso, organizadas em ações socialmente constituídas. "*Habitus* é ao mesmo tempo um sistema de esquemas de produção de práticas e um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas" (Bourdieu, 2004, p. 158). Nesta perspectiva, podemos inferir que quando um campo se abre a uma ação transdisciplinar é porque as disposições que o sustentam foram alteradas em

alguma medida. Não bastante, aventamos que o conceito é produto e produtor de práticas coletivas e individuais. Nas palavras de Thiry-Cherques (2006), ao debater a teoria da prática de Bourdieu, o *habitus* manifesta-se em práticas, jogos de interesses, ações e 'têm uma capacidade geradora'.

Ainda que o bibliotecário de referência já tenha executado tantas outras revisões sistemáticas de literatura na área de odontologia pediátrica, quando recebe a consulta de um pesquisador em uma revisão sistemática de literatura na área de periodontia, todo o conhecimento já acumulado não será suficiente. Será necessário negociar discursivamente com o usuário as questões da pesquisa, suas expectativas, mecanismos de inclusão e exclusão de material, convenções tácitas da área pesquisada, realizar avaliação dos itens selecionados, para que então entregue os melhores resultados ao pesquisador. Verifica-se interseção e interação entre dois campos, Saúde e Biblioteconomia, cada qual com seus regimes de necessidades e de provisões.

Ao fim e a cabo, os subsídios teóricos da pesquisa orientam-nos a compreender aprendizagem como parte integrante da prática social geradora do mundo em que vivemos (Lave; Wenger, 1991). Em outras palavras, a aprendizagem é um dos fatores que influencia o trabalho do bibliotecário.

Os aportes apresentados até aqui nos permitem inferir que não serão os atos de conhecimento normatizados em disciplinas e componentes curriculares que irão fornecer as bases necessárias a uma ação eficiente no campo da saúde. Ao contrário, defendemos uma aprendizagem sustentada na prática situada no contexto da ação.

Colocadas tais questões, na seção seguinte apresentamos os resultados de nossa investigação em campo.

4 RESULTADOS DA PESQUISA

Iniciamos questionando o mais alto nível de formação universitária dos participantes da amostra. Verificamos que 6% da amostra possui doutorado; 29% mestrado; 36% especialização e 9% graduação. A partir destes dados, pode-se inferir que esses profissionais se engajam em atividades de formação continuada. Outra perspectiva para análise destas ações de formação continuada pode ocorrer à luz da atribuição que Wenger (1998) faz. Para o autor, a titulação pode contribuir para a mudança de posição e status numa comunidade. Ou seja, operam como elementos de legitimação, possuindo-os, os agentes experimentam alterações nas fronteiras e relações de poder estabelecidas na comunidade.

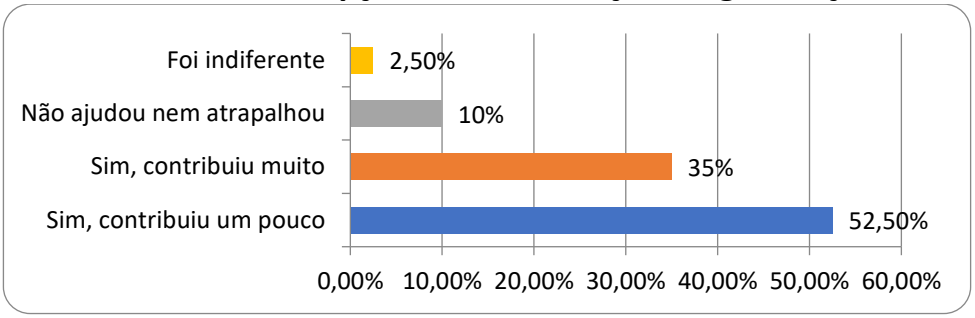
Corrobora com as ideias de Wenger (1998) a constatação que a área da saúde foi escolhida por 22 profissionais (27,5% do total). Para além dos aspectos já apresentados ao longo do texto, a formação situada em domínio facilita o desenvolvimento da linguagem técnica e captação de jogos e dualidades no processo comunicativo, permitindo entendimento entre nativos e não natos. Como desdobramento da integração desses elementos a compreensão de que acervos existentes organizados e tratados são insuficientes para atender às necessidades de informação existentes, especialmente em campos complexos e intensivos em conhecimento como a saúde.

Reconhecendo que as práticas informacionais realizadas por esses profissionais se realizam em múltiplos tipos de organização e cada um destes orienta um regime de necessidades, verificamos a atuação dos participantes distribuída da seguinte forma: 60% em biblioteca universitária; 11,25% em hospital do setor público; 8,75% em hospital do setor privado; 6.25% em instituto de pesquisa; 10% em outro tipo de órgão do setor público; 2,5% em órgão de fiscalização; 1,25% em órgão do terceiro setor.

Os dados apresentados no gráfico 1 confirmam a premissa de Beraquet e Ciol (2010, p. 131), "Bibliotecários brasileiros no campo da saúde ainda operam, em sua maior parte, no setor acadêmico". Em que pese a atuação universitária ser uma exigência legal e regulatória e de alta relevância, há de se promover a biblioteconomia orientada à saúde e evidenciar o potencial de contribuição de seus profissionais em toda a cadeia do setor produtivo da área da saúde, e, portanto, como capacidade de beneficiar a sociedade como um todo.

Tomando um endereçamento a mensuração da percepção destes profissionais acerca da contribuição de sua graduação para o desenvolvimento de suas práticas atuais de trabalho, levantamos os seguintes dados:

Gráfico 1: Percepção de contribuição da graduação

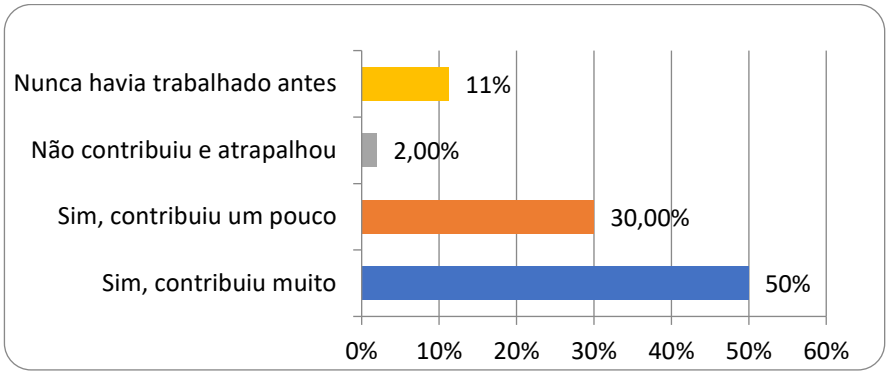


Fonte: elaborado pela autora.

Confirmou-se o postulado por Lave e Wenger (1991), quando apontam que a aprendizagem eficaz e eficiente é potencialmente situada. Em outras palavras, embora o conhecimento já adquirido seja útil, ele sozinho não pode desenvolver todas as competências e habilidades necessárias para um desempenho profissional eficaz. A aprendizagem como resultado da prática colaborativa é influenciada pela consciência do praticante sobre seu lugar, o capital intelectual acumulado, seu pertencimento ao contexto em que está inserido e as oportunidades que lhe são oferecidas no desenvolvimento de sua trilha de aprendizagem. Isso converge com as

respostas a respeito da contribuição do trabalho anterior no desenvolvimento de conhecimentos e competências necessárias para as práticas que os profissionais desenvolvem atualmente, como podemos ver:

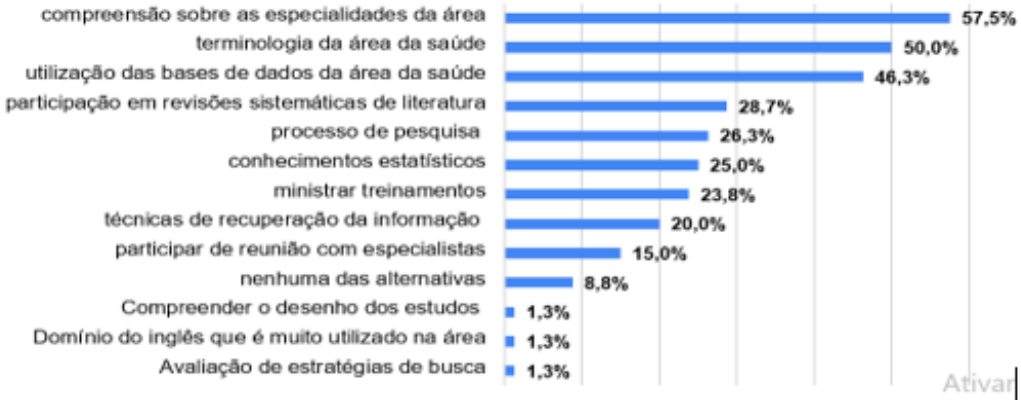
Gráfico 2: Influência do trabalho anterior



Fonte: elaborado pela autora.

Em seguida, questionamos a amostra sobre em quais temas ou aspectos sentiram mais dificuldade ao ingressar na área da saúde. As respostas fornecidas são as que se seguem:

Gráfico 3: Temas que tiveram dificuldade ao ingressar na área



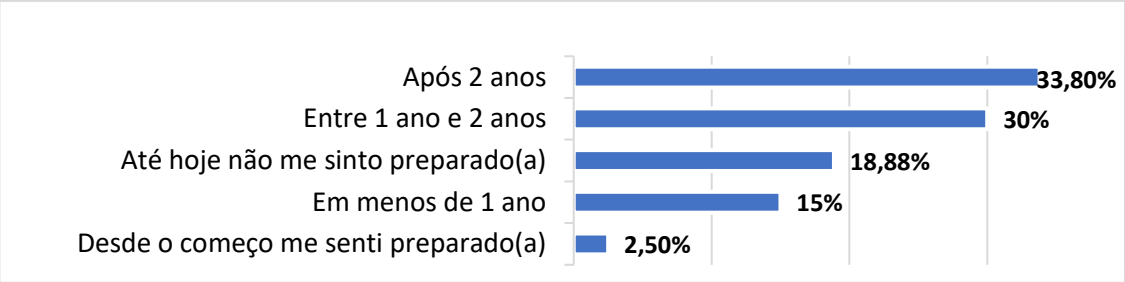
Fonte: elaborado pela autora.

Verificou-se que as temáticas de maior ocorrência se relacionam a diretamente ao campo de atuação destes profissionais. Este aspecto se relaciona com a “seleção

de recursos" e "representação socialmente localizada dos sujeitos constituidores" (Morado; Nascimento, 2006), aspectos que afetam o entendimento e intencionalidade da prática segundo Reckwitz (2002). Outrossim, novamente o papel da linguagem é reforçado. Neste sentido, assume-se que a linguagem tem papel essencial nas práticas informacionais desenvolvidas. É ela que gera ou não o entendimento e a interseção entre campos, afetando a busca e uso da informação (Rocha; Gandra, 2018).

Partindo da premissa que o processo de aprendizagem é sempre progressivo e sob este há diversos elementos que o influenciam, entre esses o *lócus* temporal, inquirimos os participantes após quanto tempo atuando na área eles sentiram que haviam desenvolvido o aprendizado necessário às práticas pelas quais são responsáveis.

Gráfico 4: Tempo para sentir-se preparado

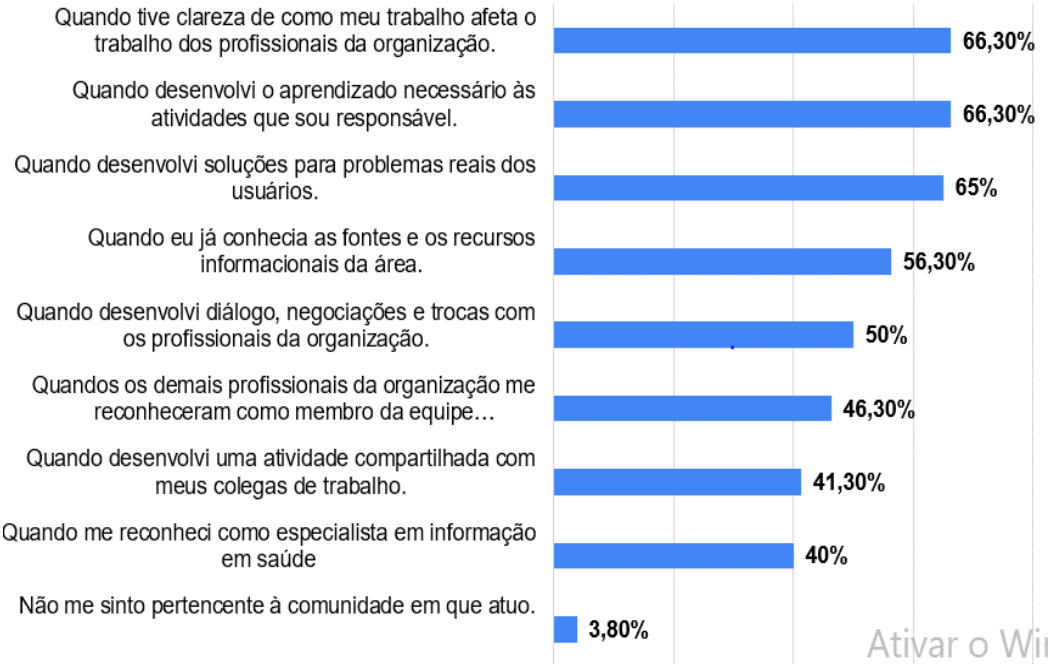


Fonte: elaborado pela autora.

Nesta linha, apoiados em Wenger (1998), é possível inferir que durante o período médio de 2 anos, estes profissionais experimentam sua participação periférica. Isto é, foi durante esse período que se integraram na comunidade, no contexto e compreenderam os modos explícitos e tácitos de governança estabelecidos.

Ao questionarmos esses profissionais sobre seu envolvimento nas comunidades em que atuam, questionamos quais fatores influenciavam seu sentimento de pertencimento às comunidades em que atuavam. Os resultados foram:

Gráfico 5: Pertencimento a comunidade em que atua



Fonte: elaborado pela autora.

Os dados acima evidenciam que a maior parte teve seu pertencimento impactado pela capacidade de resolver problemas reais e práticos dos usuários e de sua lide profissional. O mesmo pode ser dito sobre a capacidade de desenvolver negociações discursivas e sobre a oferta de soluções aos problemas enfrentados pelos usuários. Na articulação de elementos como atos de conhecimento, negociações discursivas e engajamento que a aprendizagem e a produção de novos conhecimentos se desenvolvem. Outro item avaliado em nosso questionário foram as práticas desenvolvidas por estes profissionais em sua organização. Vejamos os dados:

Gráfico 6: Práticas desenvolvidas

Fonte: elaborado pela autora.

Verificou-se uma maior ocorrência de atividades tradicionalmente ligadas ao fazer bibliotecário, tais como atendimento e treinamento de usuários, formação e desenvolvimento de coleções. Aquelas mais endereçadas ao contexto da saúde, como por exemplo, participação em revisões sistemáticas, tiveram menor incidência.

Ainda sob a perspectiva de uma ação situada no campo da saúde, investigamos as práticas de produção de conhecimento.

Gráfico 7: Produção de conhecimento nos últimos três anos

Fonte: elaborado pela autora.

Observa-se uma produção variada, ainda que somente 3 categorias tenham ultrapassado 50%. Ressalta-se que é por meio da prática informacional de realmente colaborar e influenciar as decisões dos demais profissionais da organização que os bibliotecários se posicionam como necessários na organização, e não apenas como presença por força reguladora. Assim, seu aprendizado vai além da reprodução e compreensão do conhecimento já produzido por outros. Nesse sentido, ele também é produtor.

Nesta linha, depois de mapear essa produção de conhecimento, nos interessamos por compreender a motivação para tal. Vamos aos resultados:

Gráfico 8: Motivações para produção de conhecimento

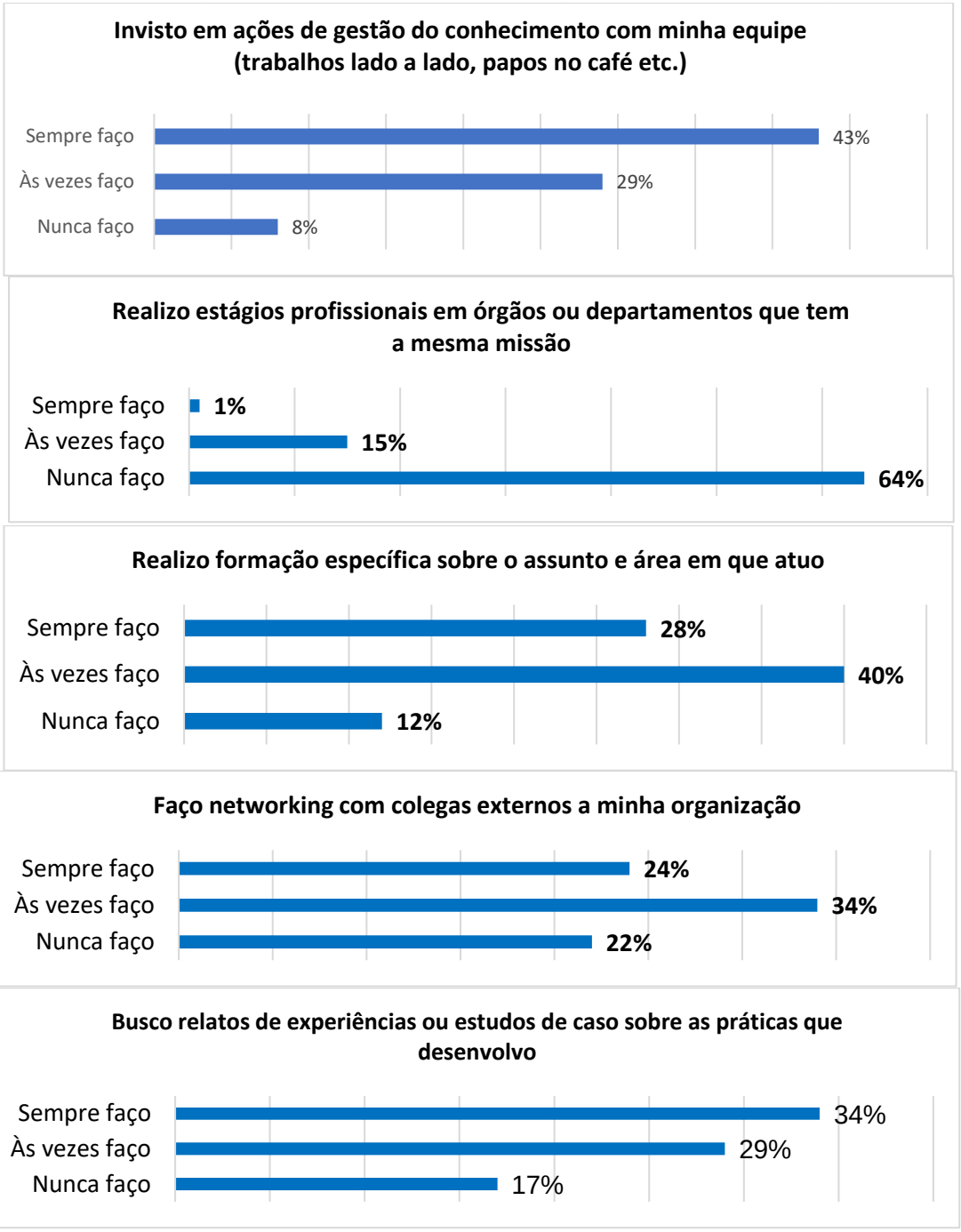
Fonte: elaborado pela autora.

O arrazoado já desenvolvido norteou-se pela perspectiva de que o aprendizado experenciado pelos bibliotecários de Ciências da saúde é mediado pelo conhecimento já produzido e serve como evidência para práticas, técnicas e táticas. Afasta-se de um conhecimento completo e um processo de aprendizagem finalizado.

É na interação entre os regimes de informação da área da Saúde e da Biblioteconomia que se orquestram as práticas informacionais e dinâmicas que constroem o bibliotecário que levantamos nas primeiras páginas desta pesquisa.

Reconhecendo que práticas de aprendizagem também podem ser oportunizadas pelo contexto de trabalho (ambiente, tecnologias, recursos humanos) sendo uma manifestação da via informal, inquirimos estes profissionais sobre as estratégias adotadas para desenvolver suas competências. Vejamos os resultados:

Gráfico 9: Estratégias adotadas no trabalho para desenvolver aprendizagem



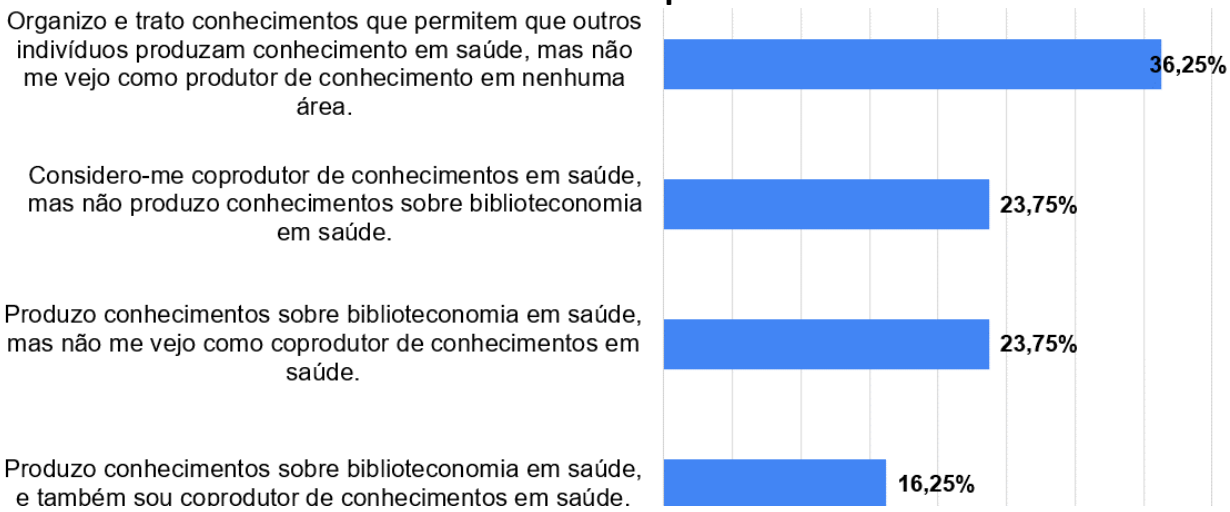
Fonte: elaborado pela autora.

Verifica-se que as práticas de socialização de conhecimento ainda se mostram pouco frequentes. Outrossim, é preciso expandir para uma prática baseada em evidência – daí a necessidade do registro das práticas desenvolvidas, aspecto quase

inexistente no contexto brasileiro, diferentemente do que acontece, congênere, na produção canadense e americana. Por exemplo, a maioria significativa de artigos sobre a ocupação informacionista de pesquisa são de autoria de Lisa Federer, que ocupa essa posição na *NIH Library*. Entendemos que também há afetação no reconhecimento profissional, na visibilidade social, nos níveis de empregabilidade, entre outros aspectos.

Segundo Rodrigues (2012), o conhecimento científico e prático é um dos elementos que distingue uma profissão. Com base neste argumento e também nas discussões empreendidas por Lave e Wenger (1991) e Wenger (1998) a respeito do pertencimento nas comunidades, inferimos que esta produção também orienta um autoreconhecimento como membro destas. Nesta linha, na intenção de provocar uma autorreflexão nesses profissionais, os questionamos como a partir da sua atuação como bibliotecários de saúde qual dos enunciados melhor se adequava à sua realidade. Vamos aos resultados:

Gráfico 10: Autoreconhecimento como produtor de conhecimento



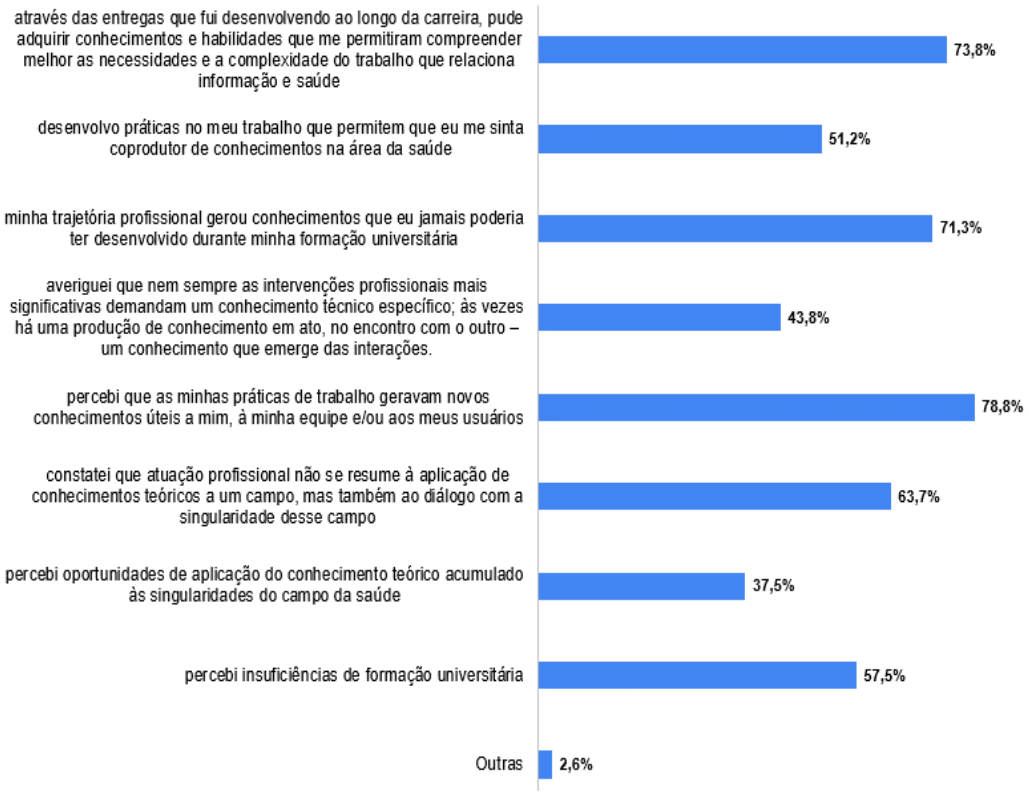
Fonte: elaborado pela autora.

Conforme dados acima, verifica-se que nenhum dos enunciados atingiu ao menos 50% de frequência. Essa autopercepção dos respondentes evidencia uma visão conservadora sobre suas práticas e seu alcance. Algo próximo à significação da insignia "*Servus Servorum Scientiæ*" prevista por Paul Otlet em seu *Traité de documentation* (1934).

Nesta obra, Otlet (1934) afirma que o profissional cumpre seu papel e funções na biblioteca mediante o design de suas funções, isto é, o emprego de suas práticas será o auxiliar da ciência. Percebe-se ainda certo enraizamento desta perspectiva na atualidade, o que, contudo, já não se sustenta por si só. Defendemos que o bibliotecário não mais seja apenas auxiliar, mas sim o próprio cientista.

A seguir questionamos os participantes sobre a percepção sobre sua trajetória e de aprendizagem.

Gráfico 11: Percepções sobre a trajetória profissional e de aprendizagem



Fonte: elaborado pela autora.

Conforme os dados acima, 3 enunciados ultrapassam 70% de frequência e todos estes, sugerem a importância da aprendizagem situada como prática social, desenvolvida nas comunidades profissionais e elaborada e reelaborada por todos os agentes do campo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Respondemos nossa questão de pesquisa ao anunciar que a aprendizagem altera a intencionalidade das práticas desenvolvidas pelos bibliotecários no campo da saúde. Factualmente, pode-se indicar a alteração da jurisdição profissional, a (res)significação da identidade profissional, os novos perfis profissionais delineados, o relacionamento intra e extra comunidade mantenedora.

A causalidade entre aprendizagem situada, pertencimento e prática informacional impactam tanto a produção de conhecimentos desenvolvida quanto a utilização desta produção. Ou seja, idealmente, não deve haver um descompasso entre a produção de conhecimentos desenvolvida na área e as práticas realizadas no campo. Portanto, defende-se uma efetiva articulação entre o saber e fazer que contribua com o aperfeiçoamento teórico e empírico da Biblioteconomia e da Saúde.

Os aportes teóricos da Teoria da Aprendizagem Situada e os dados de pesquisa nos permitiram compreender que a constituição destas trilhas de aprendizagem é influenciada pelos fluxos informacionais existentes, pela capacidade de negociação discursiva e de ação no campo, pela motivação de aprendizagem, pelo reconhecimento na comunidade, bem como pelo conhecimento gerado nestas conversões.

Averiguamos que a aprendizagem que subsidia essas práticas informacionais tem um repertório específico, cujo desenvolvimento está atrelado a uma produção

de conhecimentos desenvolvidas no cotidiano do trabalho, à experiência de tentativa e erro, à mediação com colegas, usuários e demais profissionais da comunidade, bem como às oportunidades de aprendizagem oferecidas pela organização mantenedora.

Neste sentido, constatamos que não é o ato de conhecimento normatizado em currículos acadêmicos que exclusivamente possibilita ampliar e subsidiar a ação dos bibliotecários no campo da saúde, mas sim um conhecimento situado e produzido nas práticas, cuja aprendizagem revela-se no contexto da ação.

Dessa forma, torna-se urgente uma maior socialização dos conhecimentos adquiridos, das práticas desenvolvidas e experiências vivenciadas, objetivando, assim, revelar que há espaços e oportunidades na área da saúde a serem preenchidos pelos bibliotecários, que melhorias nos processos de trabalho podem e devem ser empenhadas, e ainda que este aprendizado decorrente das práticas gera um conhecimento aplicado.

Outro ponto para nossa defesa é que o processo de pesquisa tem uma clara orientação à produção de conhecimento e entendemos tal processo como um dos artefatos de poder e resistência do bibliotecário enquanto agente não nato no campo da saúde. Como pontua Bourdieu (2004), as relações objetivas estabelecidas no campo garantem (ou não) sua existência.

Nesta direção, ponderamos que os bibliotecários de Ciências da Saúde, enquanto sujeitos sociais que são, ao participarem de práticas de trabalho e de comunidades de aprendizagem, contribuem direta e indiretamente para a produção de conhecimentos das comunidades de saúde. Assim sendo, tornam-se coprodutores de conhecimento em saúde.

Consideramos, nessa linha, a necessidade de orientar esforços individuais e coletivos no sentido de uma aprendizagem continuada, de preparação para o trabalho e de desenvolvimento pessoal. Uma aprendizagem que seja efetivamente

significativa e cuja convergência caminhe para a produção de novos conhecimentos e não somente apropriação e reprodução dos já existentes.

Nessa perspectiva, essas trilhas de aprendizagem operam para além de um esquema de atuação competente diante da análise de uma situação-problema. Ou seja, permite o desenvolvimento de novos conhecimentos, habilidades e atitudes. Promovendo, assim, uma efetiva melhoria das práticas e o desenvolvimento empírico e teórico da Biblioteconomia de Ciências da Saúde.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto. Paradigma social nos estudos de usuários da informação: abordagem interacionista. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 22, n. 1, p. 145-159, 2012. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/96199. Acesso em: 18 jul. 2022.

BERAQUET, Vera Silvia Marão; CIOL, Renata. Atuação do bibliotecário em ambientes não tradicionais: o campo da saúde. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 127-137, 2010. Disponível em: https://brapci.inf.br/#/v/119351. Acesso em: 20 maio 2022.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.

DEWEY, John. **Democracia e educação**: introdução à filosofia da educação. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

FREITAS, Isa Aparecida de. Trilhas de desenvolvimento profissional: da teoria à prática. *In:* ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 26., 2002, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: ANPAD, 2002. Disponível em: http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2002-cor1336.pdf. Acesso em: 26 maio 2022.

GHERARDI, Silvia. Introduction: the critical power of the 'practice lens'. **Management Learning**, London, v. 40, n. 2, p. 115–128, abr. 2009. Disponível em:

https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1350507608101225. Acesso em: 20 ago. 2018.

HENDERSON, M. New roles and new horizons for health sciences librarians and libraries. In: WOOD, M.S. **Health Sciences Librarianship**. Chicago: Rowman & Littlefield: Medical Library Association, 2014. p. 405-420. Disponível em: https://scholarscompass.vcu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1021&context=libraries_pubs. Acesso em: 20 fev. 2022.

KOLB, David A. **Experiential learning**: experience as the source of learning and development. New Jersey: Prentice Hall, 1984.

LAVE, Jean. Aprendizagem como prática. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 37-47, jul./dez. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/ha/v21n44/0104-7183-ha-21-44-0037.pdf. Acesso em: 24 fev. 2022.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Situated learning**: legitimate peripheral participation. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

MARTINEZ-SILVEIRA, Martha Silvia Martínez. **A informação cientifica na prática médica: estudo do comportamento informacional do médico residente**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/handle/ri/8175. Acesso em: 26 maio 2022.

MORADO NASCIMENTO, D. A abordagem sociocultural da Informação**. Informação & Sociedade**: Estudos, [S. l.], v. 16, n. 2, 2007. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/477. Acesso em: 23 jan. 2022.

MORAES, Maria. O paradigma educacional emergente: implicações na formação do professor e nas práticas pedagógicas. **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n. 70, p. 57-69, abr./jun. 1996 Disponível em: http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2081/2050. Acesso em: 20 mar. 2022.

OTLET, Paul. Organisation rationnelle des livres et des documents. *In*: OTLET, Paul. **Traité de documentation:** le livre sur le livre: théorie et pratique. Bruxelles: Mundaneum, 1934. cap. 4, p. 372-420.

POZO, Juan Ignacio. **Aprendizes e mestres**: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RECKWITZ, Andreas. Toward a theory of social practices: a development in culturalist theorizing. **European Journal of Social Theory**, v. 5, n. 2, pp. 243-263, 2002. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/13684310222225432. Acesso em: 20 dez. 2021.

ROCHA, Janicy Aparecida Pereira; GANDRA, Tatiane Krempser. Práticas informacionais: elementos constituintes. **Informação & Informação**, Londrina, v. 23, n. 2, p. 566-595, 2018. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/28857. Acesso em: 18 maio 2022.

RODRIGUES, Maria de Lurdes. **Profissões**: lições e ensaios. Coimbra: Almedina, 2012.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **RAP**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-55, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a03.pdf. Acesso em: 18 maio 2022.

TRAVASSOS, Guilherme H.; SANTOS, Paulo Sérgio Medeiros dos; MIAN, Paula Gomes; MIAN NETO, Paula Gomes; BIOLCHINI, Jorge. An environment to support large scale experimentation in Software Engineering. *In:* INTERNATIONAL CONFERENCE ON ENGINEERING OF COMPLEX COMPUTER SYSTEMS, 13., 2008, Belfast. **Proceedings** […]. Belfast, UK: IEEE, 2008. p. 193-202. Disponível em: https://ieeexplore.ieee.org/document/4492892. Acesso em: 18 maio 2022.

WENGER, Étienne. **Communities of practice**: learning, meaning, and identity. New York: Cambridge University Press, 1998.

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

tpbci@ancib.org @anciboficial @ancib_brasil